

A POLIFONIA DE NÁJERA (1367)

THE POLYPHONY OF NÁJERA (1367)

Marcella Lopes Guimarães

Universidade Federal do Paraná

Correspondência:

Rua General Carneiro, 460, sala 716 - 7º andar - Ed.

Dom Pedro I – CEP: 800.060-150 - Centro - Curitiba - PR

E-mail: marcella974@gmail.com

Resumo

O artigo propõe uma releitura da Batalha de Nájera (1367) a partir da leitura das crônicas medievais do castelhano Pero Lopez de Ayala, do francês Jean Froissart e do português Fernão Lopes. Convoca o conceito bakhtiniano da polifonia como disciplina imposta ao historiador, não como emergência anacrônica na Idade Média.

Palavras-chave: Batalha de Nájera; crônicas medievais; polifonia.

Abstract

The article proposes a rereading of the Battle of Nájera (1367) based on the reading of the medieval chronicles of the Castilian Pero Lopez de Ayala, of the Frenchman Jean Froissart and of the Portuguese Fernão Lopes. Convenes the bakhtinian concept of polyphony as a discipline imposed to the historian, not as anachronistic emergency in the Middle Ages.

Keywords: Battle of Nájera; medieval chronicles; polyphony.

*Onde começa a consciência começa o diálogo*¹
Bakhtin

1. Os caminhos da pesquisa

Este texto é o resultado de uma dupla experiência. Em 2011, eu examinei 11 capítulos da *Crónica de D. Fernando* do cronista português Fernão Lopes (1385-1459), traduzidos para o francês, em um grande projeto coordenado pelo Prof. Stéphane Boissellier, que ainda está em curso. Um dos capítulos traduzidos foi justamente o IX em que é narrada a Batalha de Nájera. Já havia lido muitas vezes o capítulo por conta de trabalhar exaustivamente com essa documentação desde 1999, mas a experiência de ler a narrativa em idioma estrangeiro me fez estranhar o que julgava conhecido e essa sensação não estava ligada à qualidade da tradução, mas à experiência de ler a batalha em outro idioma tão somente. Ora, enquanto me dedicava a esta tarefa, também tocava a publicação da obra *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais* (Ed. da UFPR), em que escrevi sobre a Batalha de Aljubarrota a partir de pontos de vista diferentes: das crônicas de Fernão Lopes, de Pero Lopez de Ayala (1332-1407), do cronista anônimo da *Crónica do Condestabre* e do cronista de Valenciennes, Jean Froissart (1337-1405). Além dos pontos de vista e do estudo das intersecções, examinei esses relatos sob o viés da *tradição das lembranças*, tal como Massimo Mastrogregori entende essa dimensão, ou seja, como uma dinâmica dupla de relação com o passado, em que resultados positivos e negativos, de afirmação e conservação, mas também de destruição e omissões são levados em consideração: “Narrativas, listas de nomes e de coisas, história, mitos, cerimônias, relatos, crônicas, arquivos, bibliotecas, coleções, coletâneas de objetos (...) destruição de rastros, objetos, imagens e textos, interpolações, omissões (...) sepulturas e reconstruções”².

Assim, a experiência de administrar historiograficamente essas vozes para a promoção de sentidos sobre Aljubarrota e o estranhamento da leitura do conhecido me convidaram a reler Nájera, considerada uma das mais importantes batalhas ibéricas, tanto pelos seus efeitos quanto por seus participantes³. Tomo de Mikhail Bakhtin alguns procedimentos que têm por objetivo promover o dialogismo entre as narrativas da batalha. Uma ressalva: nenhuma das narrativas convocadas para esse debate é polifônica, no sentido em que Bakhtin compreendeu a obra de Dostoiév-

¹ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* (5ª ed.). Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 47.

² MASTROGREGORI, Massimo. “Historiografia e tradição das lembranças” in MALERBA, Jurandir (Org.). *A História escrita. Teoria e História da Historiografia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 69.

³ Juízo de Fernando Castilho Cáceres em “Análisis de una Batalla: Najera (1367) in *Cuadernos de Historia de España*. Instituto de Historia de España. Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires, 1991. p.107.

ki⁴. Desta forma, não desejo antecipar a emergência da polifonia na Idade Média, embora o próprio Bakhtin o faça (para a obra de Dante), nem imputar à documentação propriedades anacrônicas, ainda que o ato de compilar convoque necessariamente uma multiplicidade de vozes para o discurso. Aqui, a polifonia é a disciplina que me imponho. Em outras palavras: o cronista compila, é a consciência que ordena e concilia as vozes convocadas, promove o dialogismo⁵, e o historiador que as interpreta pode promover o conhecimento da interação entre essas consciências, as “vozes em luta”⁶ de que participa a sua própria, sem submetê-las⁷.

Antes de prosseguir, cabe mencionar que, em 2008, por ocasião das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais, Covadonga Valdalisio também se dedicou à construção da memória da Batalha de Nájera realizada nas crônicas medievais⁸. Ela dividiu seu artigo em dois momentos: a explanação das fontes inglesas da batalha e um segundo, em que coteja os projetos do arauto John Chandos, do cronista Froissart e de Pero Lopez de Ayala; dois deles presentes à batalha⁹. Sigo do ponto de vista metodológico a segunda direção do exame da pesquisadora, agregando outra voz e mais elementos de cotejo, ciente de que as vozes das crônicas revelam maneiras de perceber os eventos e que a malícia da sua “manipulação” que entrevemos está muito mais no juízo anacrônico que fazemos dos artífices dos documentos medievais.

2. Fernão Lopes e Pero Lopes Ayala: uma interação provada.

Bakhtin afirmou que, em Dostoiévski, o que valia era o mundo para o personagem, não o que o personagem era no mundo¹⁰. De fato, o que os personagens das crônicas medievais eram em seu mundo, os estudos prosopográficos podem responder, mas a sua compreensão do vivido passa pela operação de sentido levada a efeito por quem tinha a possibilidade de ordenar o real, no caso os cronistas. A tarefa de um cronista é na essência a orquestração de uma polifonia, várias consciências e percepções compiladas sem pudor, porque a vontade do cronista medieval

⁴ “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. p.4.

⁵ CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso* (2ª Ed., 3ª impressão). São Paulo: Contexto, 2008. p. 160.

⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. p. 290.

⁷ Aqui, extrapolo o pensamento de Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*, p.19 e 316.

⁸ VALDALISO, Covadonga. “Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera en las crónicas de la época” in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p. 295-308.

⁹ Ayala foi mesmo cativo no campo e Chandos é referido entre as fileiras do Trastâmara: AYALA, Pero Lopez de. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso oncenno*. SECRET/INCIPIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volumes 2). p.177.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. P.52.

é análoga à narrativa de Dostoievski: a combinação de vontades em nome da vontade do acontecimento¹¹ a ser reportado.

O viés da narrativa do cronista castelhano Pero Lopez de Ayala é sobejamente curioso. Quando o cronista rememora os eventos, a sua experiência e a dos companheiros de luta e cativo com a intenção de narrar, sabe que a derrota sofrida por eles na batalha de Nájera não abalou a vitória maior da causa que apoiou, a dos Trastâmara. A batalha sucedeu no ano seguinte ao alçamento do conde Henrique à condição de rei de Castela, enquanto o rei legítimo ainda vivia. Ao contrário de Aljubarrota, batismo exitoso do novo rei de Portugal D. João I quase duas décadas depois, Nájera poderia ter ameaçado o futuro do “usurpador” Trastâmara, dada a fragilidade da recente configuração política. Fernando Castilho Cáceres lembra que nem Henrique havia assegurado a ocupação do reino, nem obtivera apoio popular¹². Entretanto, evitar a batalha não era possível, até porque a sua realização poderia efetivamente encerrar uma questão¹³. Ayala afirma que o conselho de Henrique observara que se ele pusesse dúvida na realização do combate, todos os seus se partiriam dele. Já sabemos que, se as batalhas foram mais raras na Idade Média que supõem os juízos leigos, elas foram marcantes e até decisivas para aquela sociedade política. Mas Ayala está em condições de ordenar esse caos de vozes que se agitam na sua memória, dado o fato de que essa derrota foi a antessala de uma vitória muito maior para si: Montiel.

O fato de essa batalha estar incluída em uma agenda de exercício militar em tempos de paz de Brétigny (1360) também está no texto de Ayala que observa: “e estos omnes de armas eran estonce la flor de la caualleria de la cristiandad, ca era entonce paz entre França e Inglaterra e todo el ducado de Guiana estaua por el príncipe”¹⁴. O cronista não ensombra o brilho dos oponentes, ainda que estivesse entre os bons cavaleiros de França. Informa que o rei Pedro foi sagrado cavaleiro pelas mãos do Príncipe de Gales, junto com muitos homens de armas castelhanos, antes da Batalha de Nájera.

Talvez Pero Lopez de Ayala já estivesse ao lado de Henrique Trastâmara em 1363, afinal nada informa acerca do encontro entre o monarca castelhano Pedro e o sábio tunisino Ibn Khaldun em Sevilha¹⁵ mas, em 1367, afirma com segurança co-

¹¹ Idem, p.23.

¹² CASTILHO CÁCERES. “Análisis de una Batalla: Najera (1367) in *Cuadernos de Historia de España*. Instituto de Historia de España. Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires, 1991. p.111.

¹³ SCHNERB, Bertrand. “Bataille” in GAUVARD, Claude, LIBERA, Alain de, ZINK, Michel (dir). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2004.

¹⁴ AYALA, Pero Lopez de. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso onceno*. SECRIT/INCIPIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volume 2). p.163.

Note-se que Jean Froissart usa a mesma expressão para referir-se à mesnada do Príncipe Negro.

¹⁵ GUIMARÃES, Marcella Lopes; SENKO, Elaine Cristina. “- Ó rei venturoso: Ibn Afonso (Pedro, o Cruel), Sultão e Rei de Castela.” In *IX Encontro Internacional dos Estudos Medievais: o ofício do medievalista*. Cuiabá: ABREM, pp. 361-371, 2011.

mo seu rei ordenou a batalha e, da experiência, mostra como a batalha foi ordenada pelo inimigo:

- El rrey don Enrrique ouo su conssejo e dixeronle que pues los contrarios todos venian a pie, que era bueno tener esta hordenança.¹⁶
- Otrossi de la parte del rrey don Pedro fue hordenada la batalla en esta guisa.¹⁷

Ayala expressa na escolha da voz verbal ativa a sua total ciência em relação à maneira como o Trastâmara organizou as hostes e escolhe a voz passiva para encobrir o agente da ordenação das hostes do rei Pedro de Castela, que para Froissart seria o Príncipe Negro, como veremos. Ayala supôs pela experiência de ter estado presente, mas desconhece a participação de cada agente no ordenamento do combate. Antes da refrega, fora informado pelos batedores.

Não há dúvida do nível de combatividade da batalha, na medida em que Henrique desprezou a vantagem do terreno e foi surpreendido pela manobra do príncipe Negro. Segundo Luis Vicente Díaz Martín,

En Nájera, Enrique tenía la ventaja de que controlaba el paso del puente sobre el Najerilla, de grand valor porque en esa época era muy caudaloso y de cierta profundidad; sin embargo, abandonando tan privilegiada posición, avanzó hacia sus enemigos cruzando el rio hasta Navarrete, en cuyo castillo se fortificó, pero dejaba a sus espaldas el río, lo que dificultaba la retirada.
Era una decisión táctica muy arriesgada, que quebraba además los consejos de los mercenarios.¹⁸

O movimento surpresa das tropas do Príncipe Negro desestruturou o sistema defensivo dos castelhanos¹⁹. Logo as lanças são dispensadas para o uso ostensivo de espadas, achas e adagas. O cronista castelhano ainda informa que a vanguarda castelhana foi iludida pelo recuo da inglesa, o que conduziu os castelhanos a uma “arapuca”. Essa estratégia somada à falta de combatividade de expoentes do exército castelhano, ex.: D. Telo estava na mão esquerda da vanguarda e não se moveu para a luta, favoreceu uma debandada. Segundo Ayala, D. Henrique tentou por duas ou três vezes acudir os que se esforçavam a pé dentro da “arapuca”, armada pelo exército do rei Pedro e do Príncipe de Gales, mas não teve outra alternativa além de fugir ele próprio e deixar por lá o cronista e outros bons homens, incluindo o irmão D. Sancho, que sustentava o pendão da banda, o cavaleiro Bertrand du

¹⁶ AYALA, Pero Lopez de. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso onceno*. SECRIT/INCIPIIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volumes 2). p.161.

¹⁷ Idem, p. 163.

¹⁸ DÍAZ MARTÍN, Luiz Vicente. *Pedro I El Cruel (1350-1369)* (2ª ed.). Gijón (Astúrias): Ediciones Trea, 2007. p.251.

¹⁹ Idem, p.252.

Guesclin e o Marechal d'Audreham da França, que se comprometera a não combater o Príncipe de Gales...

O cronista português Fernão Lopes, escreve distante dos eventos quase 70 anos e segue o texto de Pero Lopez de Ayala de perto em relação aos fatos, como é habitual em sua obra. Uma contraposição entre os capítulos IX da *Crónica de D. Fernando* e o Capítulo XII da *Crónica del rey Don Pedro y del Rey Don Enrique* de Ayala revela inclusões e supressões provenientes de pesquisa realizada por quem tinha à disposição os arquivos do reino português e o conhecimento do devir histórico:

Momentos a partir da indicação da edição do SECRIT	<i>Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes</i>	<i>Crónica del rey Don Pedro y del Rey Don Enrique de Pero Lopez de Ayala</i>
2-5	<ul style="list-style-type: none"> • Não refere a companhia do Príncipe de Gales, ao lado de D. Pedro de Castela, no início do capítulo. • Contra Henrique estavam seus “emmigos”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prefere a contraposição generalista de “los otros”.
6-7	<ul style="list-style-type: none"> • Detalha a preferência das hostes anglo-castelhanas por colocar a todos “pee terra”. 	
8-18	<ul style="list-style-type: none"> • F. Lopes afirma “em esto moverom as batalhas”. • O grito de “Guiana Sam Jorge” relaciona-se a Pedro, “os da parte delRei Dom Pedro, Guiana Sam Jorge”, sem o referente, ou seja, todos os que foram trazidos pelo Condestável de Gujana, Guyena²⁰). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ayala prefere “e luego mouieron los vnos contra los otros”. • Maior detalhamento da disposição das hostes do Trastâmara; identificação do condestável de Gujana, a referência à presença do arauto Johan Chandos, bem como “otros muy buenos caualleros”.

²⁰ Sobre esse grito de guerra, conferir: Pépin Guilhem, « Les cris de guerre « Guyenne ! » et « Saint Georges ! ». » L'expression d'une identité politique du duché d'Aquitaine anglo-gascon, *Le Moyen Age*, 2006/2 Tome CXII, p. 263-281. DOI : 10.3917/rma.122.0263. Disponível em: http://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=RMA_122_0263&DocId=148317&Index=%2Fcairn2Idx%2Fcairn&TypeID=226&BAL=ania.96nOcUro&HitCount=5&hits=15bb+155f+914+80+32+0&fileext=html (acesso em 18 de outubro de 2013). Pépin afirma que esse grito não foi usado exclusivamente em situações de batalha. Cita o caso de Jaime II de Aragão que evocou «Guienne!» para legitimar a sua aliança com o rei da Inglaterra Eduardo III, Duque da Aquitânia, contra a vassalagem em relação ao rei de França. Sobre o uso em Najera, Pépin observa: “Chez Froissart, nous trouvons le cri « Guienne ! » associé au cri « Saint Georges ! » par les Anglo-Gascons lors de la bataille d'Auberoche en 1345 et lors de celle de Poitiers en 1356. De même, le cri « Saint Georges ! Guienne ! » fut utilisé par les Anglo-Gascons à la bataille de Najera (1367) et à celle de Chizé (1373). Le Héraud Chandos et Lopez de Ayala rapportent un ordre inverse à celui de Froissart : « Guienne ! Saint Georges ! ». Il faut sans doute leur faire plus confiance puisque le premier a peut-être assisté aux batailles de Poitiers et de Najera et que le second a combattu à cette dernière bataille. Le même ordre est aussi rapporté lors de la bataille de Najera par le chroniqueur portugais Fernão Lopes.” (pág. 168/269). “Pour résumer, le cri de guerre « Guyenne ! » a d'abord été un cri d'armes typiquement féodal utilisé par le duc d'Aquitaine (Bernart-Arnaut de Montcuq) et par ses troupes essenti-

		<ul style="list-style-type: none"> • Detalhamento dos emblemas das hostes de Pedro”.
19-23	<ul style="list-style-type: none"> • Notícia de que na retração intencional das hostes anglo-castelhanas, alguns teriam sido derrubados. • Expressão de opinião, sobre a falta de combatividade de D. Telo: “que foi huum gramde aazo de se perder a batalha, e por que lhe elRei Dom Hemrri-que depois sempre quis mal”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maior identificação de personagens: D. Telo “señor de Lara e Vizcaya”. • Maior detalhamento da ala direta do Príncipe de Gales, que seguiu D. Telo: “conde de Arminac e los de Lebret e otros muchos que venian en aquella haz”.
24-28	<ul style="list-style-type: none"> • Indicação expressa da presença de D. Sancho cercado. Ayala havia informado²¹ que ele ficara ao pé do pendão da banda. 	<ul style="list-style-type: none"> • Narração da consequência da debandada de D. Telo: mortos e cativos no segmento desguarnecido pelo irmão do Trastâmara.
29-34	<ul style="list-style-type: none"> • Afirmação explícita da perda da batalha. • Expressão de opinião: “E afirmasse, se he verdade, que seemdo a batalha da sua parte bem pelleiada, era gram duvjda nom seer elRei Dom Pedro desbaratado; e assi mal como ella foi, se nom fora o gramde esforço e ardidez do Primcipe e do duque Dalancastro, que eram estremados homeens darmas, aimda o vençimento della esteve em gramde avemtuira” 	<ul style="list-style-type: none"> • Narração da natureza encarniçada do combate e da perseguição empreendida pelos ingleses, gascões e bretões aos que fugiam em direção à vila de Nájera. • Dificuldade dos que fugiram com o Trastâmara.
35-50	<ul style="list-style-type: none"> • Menção a alguns nomes de mortos e cativos na batalha: “e outros, cujos nomes leixamos por nom alomgar” e “e outros que dizer nom curamos”. • Datação da batalha de pela era de César: 6 de abril de 1405. 	<ul style="list-style-type: none"> • Detalhamento de mortos e cativos.

ellement poitevines (Marcabru et *Joufroi de Poitiers*) pour partir à l’attaque lors d’un combat. Par la suite, ce cri de guerre a été aussi utilisé pour les mêmes raisons par ceux qui combattaient pour le duc de Guyenne (ou d’Aquitaine), qui était également roi d’Angleterre. Mais il a été aussi utilisé par des opposants au roi de France après la prise de ce dernier titre par le roi d’Angleterre Édouard III. Il est alors un cri qui affirme l’existence d’un duché de Guyenne (ou d’Aquitaine) autonome vis-à-vis du royaume de France mais également du royaume d’Angleterre.” (pág. 280).

²¹ AYALA, Pero Lopez de. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso onceno*. SECRIT/INCIPIIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volume 2). Capítulo IV.

As mais significativas diferenças da contraposição são as opiniões do cronista português em relação aos eventos: aventa uma causa para a derrota das hostes franco-castelhanas e elogia os aliados ingleses do Cruel, que no contexto do cronista haviam se tornando parentes da nova dinastia, via casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre. Note-se que o pai da rainha de Portugal participara da Batalha de Nájera, ao lado do irmão, o Príncipe Negro. Fernão Lopes segue as vozes que Ayala ordenou, mas interpreta os fatos beneficiado pelo conhecimento do futuro e agrega mais uma consciência à vontade do acontecimento.

3. Froissart: um repórter bem informado

Em 1366, ano do alçamento de Henrique Trastâmara à condição de rei de Castela, Froissart convive com o Conde de Blois, que enviou apoio logístico à Nájera e que seria o seu protetor na segunda parte da vida, depois da morte da rainha da Inglaterra. Mas logo depois, o cronista está em Bordeaux, na corte do Príncipe Negro. Ora, Froissart assiste aos preparativos da incursão do herdeiro inglês por terras ibéricas²². Não escreve o *Livro I*, onde está a narração da batalha de Nájera, nesse momento, mas sabemos que o cronista fazia anotações sobre acontecimentos e sobre conversas com participantes de eventos para usá-los depois. A primeira redação desse livro vem a lume apenas em 1373²³.

Brétigny (1360) obrigava a continuidade do conflito entre França e Inglaterra com novos agentes, mas Nájera não pode ser reduzida a palco auxiliar, como a insistência do binômio periferia e centro sugere. Mudando o ponto de vista, Nájera é um capítulo de confrontação entre um rei legítimo e um ambicioso bastardo, em um contexto volátil e muito complexo em termos de vinculações pessoais. Ao invés de pensar em Pedro e Henrique como peões do xadrez das monarquias francesa e inglesa para seus tempos de “paz” e exercício de mercenários, proponho vê-los engajados em seus projetos políticos e acionando todos os expedientes disponíveis – alianças, tréguas, razias e acordos – para alcançar os seus objetivos. No caso, a inversão de perspectiva encontra amparo nas fontes que sabem muito bem separar os projetos das monarquias e outros agentes. Froissart e Fernão Lopes são exemplares nesse quesito, porque se expõem muito mais como intérpretes dos eventos, quando comparados a Ayala. Por isso, o cronista de Valenciennes enxerga o rei Pedro duas vezes na narração da batalha: uma como coadjuvante na entrega do pendão de Johan Chandos ao Príncipe Negro e outro, para reconhecê-lo “moult escahufféz”, por não ter conseguido matar no campo de batalha o irmão: “Ou est ce filz de putain qui s’appelle roy de Castille”²⁴. Ora, o Príncipe Negro era o apoio de Pedro de Cas-

²² ZINK, Michel. *Froissart et le temps*. Paris, PUF, 1998. p.8.

²³ FROISSART, Jean. *Chroniques. Livres I et II*. Lettres Gothiques, collection dirigée par Michel Zink. Édition et textes présentés et commentés par Peter F. Ainsworth et George T. Diller. Paris. p. 11.

²⁴ FROISSART, Jean. *Chroniques*. In Froissart On Line: http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/Livro_I, Besançon 864, folio 277v, SHF 1-582.

tela, mas Froissart conhecedor do devir histórico considerava o castelhano um inadimplente. Tendo colocado o seu admirável Príncipe de Gales ao lado do Cruel, só encontra razões para elogiar o inglês na campanha. Fernando Castilho Cáceres tem uma opinião diferente, levanta a hipótese da resistência do Príncipe Negro em alinhar-se a Pedro devido à imagem cruel deste, mas prefiro creditar esse julgamento do historiador à campanha exitosa de detração posterior sofrida pelo rei²⁵ e seguir os fatos. Um deles já referido por Díaz Martín, Pedro I de Castela contava como únicos recursos jóias riquíssimas que ele tinha de vender para fazer frente aos gastos das campanhas. Ele vendeu e, pressionado, vendeu mal, beneficiando-se os gascões afinal. Essa situação teve inclusive impacto econômico, pois empurrou os preços de jóias para baixo²⁶.

Froissart discerne os agentes e reconhece o engajamento do Trastâmara, afinal, oponente, nas situações de exortação aos homens, pondo-o mesmo a se expressar em discurso direto:

“Seigneurs, je suis vostre roy: vous m’avez fait roy de toute Castille, et juré et voué que pour mourir vous ne me faillirez. Gardéz pour Dieu vostre serement, et ce que vous avez juré et promis et vous acquictéz envers moy et je me acquicteray envers vous.”²⁷

[Senhores, eu sou vosso rei: vós me haveis feito rei de toda Castela, e jurado e prometido que, por vossa morte, não me faltareis. Guardai por Deus vosso juramento e o que me haveis jurado e prometido e sereis quite em relação a mim e eu, a vós.]²⁸

O Trastâmara de Froissart é prático e acrescenta que se os seus forem constantes, ele também o seria, independente do desfecho. Sobressai na sua exortação direta o fato de dividir a responsabilidade com as hostes, afinal não se fez rei, fora feito. Como obra de todos, incluiu a todos na responsabilidade de sustentar o projeto. Ressaltei a maneira direta como se expressa e essa não seria a única vez em que o faria. O cronista não deseja, a partir do discurso direto, desenhar o caráter dos personagens, mas oferecer aos leitores, e ele os tinha abundantes!, insumos para a compreensão da atmosfera dramática em que aquelas palavras poderiam ter sido pronunciadas²⁹. Ayala deve ter escutado as palavras gritadas pelo seu rei, menos docemente que Froissart lhe imputa, mas não evoca nem uma única.

²⁵ CASTILHO CÁCERES. “Análisis de una Batalla: Najera (1367) in *Cuadernos de Historia de España*. Instituto de Historia de España. Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires, 1991. p.112.

²⁶ DÍAZ MARTÍN, Luiz Vicente. *Pedro I El Cruel (1350-1369)* (2ª ed.). Gijón (Astúrias): Ediciones Trea, 2007. p.247.

²⁷ FROISSART, Jean. *Chroniques*. In Froissart On Line: [http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/Livro I, Besançon 864, folio 277r, SHF 1-581](http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/Livro_I, Besançon 864, folio 277r, SHF 1-581).

²⁸ Tradução da autora.

²⁹ Sigo a interpretação de Peter Ainsworth em “Style direct et peinture des personnages chez Froissart” in *Romania Revue Trimestrielle*. Tome 93. Paris: Société des amis de la Romania., p.512.

A cena de pendões tremulantes e armaduras que brilham ao sol: “Et quant le souleil fut levé c’estoit grant beauté de ces pennons veoir venteller et ces armeures resplendir contre le souleil”³⁰ encanta, mas não ensombra a minuciosa descrição das feridas e mortes do combate que confirma o texto de Ayala, no que se refere à violência empregada. Na dureza da refrega, há bravura dos dois lados. Froissart reconhece a coragem de Bertran du Guesclin e de outros grandes cavaleiros franceses que apoiavam o Trastâmara, esforça-se por mostrar que em matéria de virtude cavaleiresca não havia vantagem, mas não esconde seu lado: “avecques le prince estoit la fleur de la chevalerie du monde et les meilleurs combatans”³¹.

Froissart assistiu à preparação do combate e foi bem informado de como tudo se deu, na volta dos vencedores. Refere-se às conversações de Henrique Trastâmara com Du Guesclin, as etapas de preparação de cada lado em que se destaca o quanto as hostes inglesas estavam bem ordenadas. Sabe dizer sobre o descanso da hoste castelhana e não fala que os ingleses repousaram... Sabe que na vanguarda castelhana estava o Du Guesclin e outros honrados homens (que sabe citar) e que a segunda batalha ligeiramente posterior à de Bertrant era encabeçada por D. Telo que abandonou o campo logo depois do começo dos trabalhos. O Trastâmara vinha na mais grossa fileira, entre homens a pé e montados, bem como soldados armados de bestas.

Segundo Covadonga Valdaliso, Chandos é fonte de Froissart e por isso se destaca a cena da entrega do seu pendão nas mãos do Príncipe Negro, que com esse gesto recebe toda a vontade do arauto no combate. Sabemos que ele sofreria bastante em razão de ser derrubado por um castelhano, chamado Martin Ferrant, ultrajado no texto, mas teve condições de ser salvo pelos seus. Ayala não faz nenhuma referência a isso.

Tanto Ayala, quanto Fernão Lopes e Froissart fazem menção ao desastre provocado pela debandada da segunda batalha encabeçada por D. Telo. Só o português e o cronista de Valenciennes expressam claramente uma opinião a respeito. A opinião de Froissart se estende ao esforço dos castelhanos na batalha. Elogia os franceses, mas não tem apressado à energia dos castelhanos, da mesma forma como procedeu e os julgou na narração da batalha de Aljubarrota. Froissart aprecia em separado os personagens da sua narrativa, atribuindo-lhes características diversas, sendo eles aliados do Príncipe ou não.

4. Vozes em luta

Reentronizada no campo histórico – teria ela o deixado algum dia? – a narrativa histórica contemporânea não pode ter a ilusão de convergir para a conclusão

³⁰ FROISSART, Jean. *Chroniques*. In Froissart On Line: <http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/Livro I, Besançon 864, folio 275v, SHF 1-578>.

³¹ Idem, folio 277v, SHF 1-582.

monológica³², como Bakhtin inspirou, até porque os documentos apresentam vozes conciliadas e vozes em luta, neste caso, porque não eram vozes inventadas, mas auscultadas³³ da vida.

<i>Livro I de Jean Froissart</i>	<i>Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes</i>	<i>Crónica del rey Don Pedro y del Rey Don Enrique de Pero Lopez de Ayala</i>
<ul style="list-style-type: none"> Evidência da movimentação bem calculada do Príncipe Negro. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção explícita à vantagem no terreno, desprezada pelo Trastâmara. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção explícita à vantagem no terreno, desprezada pelo Trastâmara.
<ul style="list-style-type: none"> Ignora o grito de guerra dos castelhanos alinhados com o Trastâmara, o “¡Castilla! ¡ Santiago!; “Saint George! Guyenne! 	<ul style="list-style-type: none"> “Guiana Sam Jorge” 	<ul style="list-style-type: none"> “¡Gujana! San Jorge!”
<ul style="list-style-type: none"> Alusão à dureza e à deslealdade na batalha 	<ul style="list-style-type: none"> Deslealdade de D. Telo. 	<ul style="list-style-type: none"> Notícia da fuga de D. Telo.
<ul style="list-style-type: none"> Menção explícita à participação dos portugueses e lisboetas. 		
<ul style="list-style-type: none"> Exortações diretas do Trastâmara às suas hostes, esforçando-os na dificuldade do combate. 	<ul style="list-style-type: none"> Alusão ao fato de que por três vezes o Trastâmara tentou acudir o irmão D. Sancho que estava com o pendão da Banda. 	<ul style="list-style-type: none"> Referência às três vezes em que o Trastâmara tentou socorrer os que estavam a pé e cercados.
<ul style="list-style-type: none"> Bandeiras e pendões diversos (incluindo o de Chandos): apreço ao colorido da batalha. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao pendão da Banda e às cruzes vermelhas em campo branco das hostes de Pedro e do Príncipe Negro. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao pendão da Banda e aos escudos sobre sinais brancos com cruzes vermelhas por São Jorge das hostes de Pedro e do Príncipe Negro.
<ul style="list-style-type: none"> Enumeração criteriosa da mesnada do Príncipe. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção resumida. 	<ul style="list-style-type: none"> Menção resumida.

³² “Para Dostoiévski, o último dado não é a ideia como conclusão monológica” in BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* (5ª ed.). Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P.316.

³³ Essa última expressão inspirada em Doistoiévski. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. p.100.

<ul style="list-style-type: none"> • Perseguição aos cavaleiros em fuga, pilhagem, prisão e chacina: cavaleiros afogados e feridos de morte. • Rio coberto de sangue³⁴ 	<ul style="list-style-type: none"> • Menção à fuga, à violência, à morte e à prisão de cavaleiros. • Menção aos assassinatos impetrados pelo rei Pedro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Menção à fuga, à violência, à morte e à prisão de cavaleiros. • Menção aos assassinatos impetrados pelo rei Pedro.
<ul style="list-style-type: none"> • Encerra a narração datando-a. 	<ul style="list-style-type: none"> • Encerra a narração datando-a, com a Era de César. 	

Observações sobre o quadro:

Froissart não teria o menor problema em declarar uma vantagem na escolha do terreno por parte dos castelhanos, procedimento comum entre os ingleses, se tivesse sabido da situação. Ele narra que os batedores de cada lado informaram seus príncipes a respeito do posicionamento das hostes. Mas para Ayala e Fernão Lopes a vantagem que Henrique Trastâmara despreza confirmava o “fato” de ser um ardidado cavaleiro, segundo os critérios de quem narra.

A variação do grito de guerra apontada acima converge para a memória e para as delicadas questões de identidade cultural inseridas aí. Nem Ayala, nem Fernão Lopes parecem destacar a presença de portugueses. Henrique Trastâmara deve ter se esforçado muito neste primeiro teste de seu recém alçamento, Pedro de Castela manteve incansável correspondência para selar fidelidades³⁵, daí Froissart pô-lo a falar com seus homens, mas Ayala e Fernão Lopes também reconhecem seu empenho na luta. Os pendões e bandeiras que colorem o texto de Froissart têm uma função agregadora prática, que não escapa àquela sociedade, como as três vozes declaram. Já se reconheceu o empenho “jornalístico” de Froissart na pesquisa dos eventos que escreve e um das suas maiores fontes são as pessoas, daí ser mais criterioso em trazer suas identidades, não confundi-las na *melée*, como faz Fernão Lopes e mesmo Ayala, participante do evento. Sobressai ainda o fato de o cronista português encerrar o capítulo dedicado à narração da Batalha de Nájera exatamente da mesma forma como faz Froissart, com a única diferença de pautar o acontecimento pela Era de César. Sabemos que as referências cronológicas são muito fluidas em Fernão Lopes e chama a atenção a expressão da informação nos mesmos moldes do cronista Froissart.

5. Considerações finais:

³⁴ Aludido em VALDALISO, Covadonga. “Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera em las crónicas de la época” in in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p.306.

³⁵ DÍAZ MARTÍN, Luiz Vicente. *Pedro I El Cruel (1350-1369)* (2ª ed.). Gijón (Astúrias): Ediciones Trea, 2007. p.248.

Manuel Rodrigues Lapa nos legou estudos sobre Fernão Lopes e Jean Froissart em que falam nele o seu gênio e o seu ser português (no elogio rasgado ao cronista da geração de Avis em comparação a Froissart), a sua análise merece destaque para a polifonia que nos informa sobre Nájera, como ilustração, entre outras coisas do fazer histórico na Idade Média. Sobre Froissart, Lapa afirma:

Este processo de *enquête*, confirmado no prólogo do 4º livro, tinha os seus perigos, porque não era corrigido pelo atestado dos documentos escritos e oficiais: as pessoas a quem Froissart ouvia dizer punham necessariamente nas suas narrativas, por muita isenção que possuísem, um eco das paixões que as agitavam. Esta circunstância era agravada pelas condições especialíssimas da época: todo cavaleiro, que se prezava, era obrigado a tomar partido: ou pelo rei de França ou pelo rei de Inglaterra. A perfeita neutralidade, naquele tempo, poucos a possuíam, porque, é preciso dizer-se, poucos viviam em condições de a conservar. Não admira, portanto, que a obra de Froissart seja um reflexo, admirável reflexo, dos desvairados sentimentos que impulsionaram a sociedade do seu tempo³⁶.

Só esse excerto fomentaria um debate sobre as expectativas da História em Portugal na época em que o ensaio foi pensado, anos 60. Mas o que interessa apontar é a maneira como os nomes dos cronistas de Valenciennes e de Portugal estiveram associados e distintos dos procedimentos narrativos de Pero Lopez de Ayala. E mais: o que Lapa deplora em Froissart, eu reputo como rara via de conhecimento do que era aquele mundo para os personagens que ele auscultou.

A Batalha de Nájera é citada na *Petite Chronique de Guyenne*³⁷, na *Chronique des règnes de Jean II et de Charles V*³⁸, é cena iluminada de manuscrito do século XV das *Chroniques*. A compilação, procedimento narrativo do cronista medieval, provocava confluência que o historiador com erudição pode identificar. O que aconteceu em Nájera? Duas vontades para as quais convergiram interesses concorrentes se confrontaram no dia 3 de abril de 1367. A coalisão anglo-castelhana venceu a franco-castelhana, ou melhor, a anglo-petrista venceu a franco-trastamarista, ou seria a

³⁶ LAPA, Manuel Rodrigues. *Miscelânea de Língua e Literatura medieval* (2ª ed.). Coimbra: Universidade de Coimbra, 1982. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=DiWEVtSBYnCC&pg=PA365&lpg=PA365&dq=froissart+e+fern%C3%A3o+lopes+Manuel+Rodrigues+Lapa&source=bl&ots=sa2BFxZTYC&sig=0kIppmtkctNmwasXTe7I2X5roVs&hl=pt-BR&sa=X&ei=cJiUuUyioTyBPXOgVg&ved=0CD0Q6AEwBA#v=onepage&q=froissart%20e%20fern%C3%A3o%20lopes%20Manuel%20Rodrigues%20Lapa&f=false> (acesso em 19 de outubro de 2013)

³⁷ Lefevre-Pontalis Germain. *Petite chronique de Guyenne jusqu'à l'an 1442*. In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1886, tome 47. pp. 53-79. Url: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-237_1886_num_47_1_447436. Consulté le 19 octobre 2013.

³⁸ ORGEMONT, Pierre. *Chronique des règnes de Jean II et de Charles V*. Publié pour la Société de l'Histoire de France par R. Delanchenal. Tome Deuxième (1364-1380). Paris: Librairie Renouard, MDCCCXVI (1916).

coalisão anglo-aquitano-petrista que massacrou a franco-provençal-aragonesa-trastamarista?... É difícil assinar uma conclusão monológica, nisso Bakhtin ajuda os historiadores. O que aconteceu na manhã do dia 3 de abril foi irrepetível e inapreensível para o desejo de uma narrativa que não existe mais: aquela que um dia sonhou com a unidade. Uma multiplicidade de fontes – escritas e provenientes da cultura material – pode aclarar a nossa compreensão do evento, mas as narrativas vão nos presentear com sentidos e “desvairados sentimentos” de pessoas que naquele mundo tentaram compreendê-lo.



Chroniques de Froissart (1337-1410), Paris, Bibliothèque Nationale (Ph. H.M). Manuscrito quinhentista. Em <http://www.vallenajerilla.com/berceo/rioja-abierta/batalladenajera.jpg> (acesso em 12 de agosto de 2014).

*Artigo recebido em 14 de agosto de 2014.
Aprovado em 10 de dezembro de 2014.*